

# Metonímia de um extermínio: a violência contra a população LGBT

**Luiz Alex Silva Saraiva**

Para André Felipe Vieira Colares (1992-2016)

Estamos em uma época em que vivemos uma perigosa cegueira a tudo aquilo que não nos afeta pessoalmente. Só quando essa inominável violência chega perto de quem conhecemos é que isso parece nos dizer respeito, e aí sentimos o absurdo de nossos tempos. Perdemos a empatia, a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, de enxergar o sofrimento alheio como de alguma forma próximo a nós mesmos por uma questão de humanidade. Seguimos cada vez mais cegos ao que aparentemente não nos diz respeito, naturalizando a perigosa ideia de que o outro, apenas por ser diferente, é menor, e por isso, merece ser desprezado em qualquer aspecto possível (SARAIVA, 2016).



Entre tantas tragédias em curso, tratarei de uma em particular: o verdadeiro extermínio da população LGBT, sobre o qual francamente a maior parte de nós pouco se importa e faz nada ou quase nada a respeito. Este é um breve e despretensioso depoimento sobre LGBTfobia. E tomo a liberdade aqui de escrevê-lo explorando uma metonímia, já que me proponho a escrever sobre o que conheço, e desejo que isso seja tomado como a parte que pode representar o todo. Concretamente o que tenho em mente é o brutal assassinato de André Felipe Vieira Colares, assassinado nas primeiras horas do dia 1º de julho de 2016 e, a partir desse caso, que muito me afetou, bem como à maior parte daqueles que o conheceram, falarei sobre a violência contra a população LGBT.

Pretendo discorrer sobre a trajetória do André, sobre sua vida acadêmica, sobre suas perspectivas, e sobre o trágico desfecho da sua tão breve história. A partir do meu francamente parcial, afetivo, saudoso e necessário depoimento, desejo fazer jus à memória de alguém muito especial, com quem convivi de perto e que, de certa forma, foi um pouco meu filho. A minha perda – que só eu posso qualificar porque apenas eu estou sob a minha pele – será o fio condutor deste depoimento, para que possamos refletir sobre normalidade e anormalidade, igualdade e diferença, vida e morte.

Não desejo aqui ser nem um pouco “científico”. Minha intenção é a de fazer um registro oportuno de uma trajetória brevíssima, abruptamente interrompida por conta de uma violência que insistimos em não reconhecer como a nós também pertinente.

Este é o meu depoimento.

### **SOBRE O ANDRÉ E SUA TRAJETÓRIA**

Nascido em Montes Claros, em Minas Gerais, André Felipe Vieira Colares tinha apenas 24 anos de idade quando faleceu. Pequeno, franzino, desde cedo encontrou nos livros, na sua dedicação à escola e às atividades escolares, um meio de canalizar a sua energia em prol de algo que o encantava e também o diferenciava dos demais: o conhecimento. Por isso se envolvia em mil e uma atividades de alguma forma relacionadas a possibilidades de conhecer, e desde sempre se destacou em termos escolares. Estudar era um prazer inegável, e que também mostrava o seu distinto valor.

Engana-se quem pensar que André era apenas um *nerd*: tratava-se de uma pessoa adorável, simpática, que se esforçava para poder conversar de forma interessada sobre qualquer assunto com quem quer que fosse. Acreditava que

todos tinham potencial, e estimulava fortemente que continuassem seus estudos tal como ele o fizera: sua satisfação pessoal, assim, poderia ser de alguma forma alcançada pelos demais, desde que se esforçassem como ele havia feito.

Quem o conheceu facilmente percebia toda aquela energia, e um brilho no olhar de quem tudo está por fazer na vida. Era risonho, dedicado aos estudos, educado, inteligente, decidido, acelerado, com pressa de fazer as coisas, e feliz com as suas muitas conquistas em tão pouco tempo de vida.

Jovem adulto, já havia encontrado o que desejava fazer profissionalmente pelo resto da vida: lecionar. Por conta disso, fez com êxito o Mestrado em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais, no qual estudou a sociabilidade de idosos na Praça Sete, em Belo Horizonte, sob minha orientação. Era professor substituto na Universidade Federal de Ouro Preto, onde me disse que adorava dar aulas.

André também era “fora da curva”. Enxergava adiante, plantando coisas para colher no futuro. Isso tanto se refere à sua própria formação – pois mesmo tendo concluído o Mestrado em março deste ano, ele já se preparava para ingressar no Doutorado – quanto à sua inserção profissional em circuitos acadêmicos, como atesta sua constante participação em eventos e, só para ficar em um exemplo, a

proposição de uma mesa redonda sobre cidade e construção de espaços junto com professores doutores, no âmbito do IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, evento da Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais que será realizado em outubro, na cidade de Porto Alegre.

Ah, mais uma coisa, não menos importante: André era gay. E por conta disso, foi brutal e cruelmente assassinado. Não entrarei em detalhes sobre este crime, que ainda está sendo investigado, porque cada detalhe me dói demais, e sinto um nó no estômago, uma angústia e uma desesperança com a qual não sei lidar. Para nossa tristeza, entretanto, infelizmente ele só foi só mais um caso entre as centenas de pessoas da população LGBT assassinadas no Brasil a cada ano por conta de quem são.

O aumento de visibilidade da população LGBT não tem sido acompanhado por um reconhecimento igualitário dessas pessoas na sociedade, muito pelo contrário. Ser LGBT “configura uma situação de risco no Brasil. Violações de direitos são cometidas com frequência e por motivações diversas” (SEDH, 2016, p. 5), conforme o *Relatório de violência homofóbica no Brasil: ano 2013*, publicado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, publicado recentemente.

Estamos diante de um quadro no qual impera a falsa ideia de “normalidade”, que se assenta sobre um impossível imaginário de “correção” (e, também de “desvio”), a heteronormatividade, a noção de que é norma básica para ser “uma pessoa de bem” ser heterossexual, com plena correspondência entre sexo biológico e orientação sexual. Não importa em que condições, não importa de que forma isso seja vivenciado, o importante é não ser “desviante”, “invertido”, “anormal”. A noção de normalidade aqui condena todxs xs que “não se encaixam” a viverem uma forma inferior de existência, subordinada ao que é tido como “normal”. Nisso se enquadram quaisquer pessoas que de alguma maneira se insurjam contra está lógica. Não há empatia por gays, lésbicas, travestis, transgênerxs, transexuais, bissexuais, intersexuais e *queers* se você não for umx delxs. Elimina-se a noção de alteridade por conta de haver uma norma à qual se deve compulsoriamente aderir.

Não surpreende que essa noção de “normal” seja um dos esteios da moral conservadora. Invocando muitas vezes argumentos religiosos, que definiriam, a partir de leituras específicas de livros considerados sagrados, como a vida das pessoas nos tempos atuais deve ser vivida, xs conservadores partem do que consideram correto para si como um meio de prescrever, de forma arbitrária e frequentemente violenta, como deve ser a vida de todas as demais pessoas, mesmo que não partilhem de seu credo ou estilo de vida.

A população LGBT é um dos principais alvos dessa onda conservadora, pois abertamente destoa, a partir de sua própria vivência, da noção de “modelos universais” que articulam inequivocamente sexo biológico e orientação sexual. Problematicando questões aparentemente resolvidas, como o sexo biológico e a orientação sexual, e introduzindo debates sobre identidade de gênero e expressão de gênero (TONELLI, 2012), esse grupo apresenta desafios consideráveis relacionados à construção histórica de uma sociedade francamente assentada sobre um modelo de normalidade branca, heterossexual, conservadora, de classe média, de valores cristãos, e que se pretende universal.

A população LGBT vem sendo violentamente reprimida em termos sociais, como atestam o aumento de campanhas midiáticas contra a discussão da sexualidade nas escolas, a inclusão do projeto “escola sem partido” na pauta do Congresso Nacional, o contínuo ataque de políticos conservadores à população LGBT, e, principalmente, pelo seu extermínio. 2016 já contava, em ameaças de julho, com 173 assassinatos (PINA, 2016), número que possivelmente está quantitativamente desatualizado e conceitualmente subestimado em função de não haver criminalização da LGBTfobia no país.

Essa omissão generalizada faz com que se multipliquem as formas de violência contra essas pessoas, que incluem, só para ficar em alguns exemplos, ofensas

verbais cotidianas, nas quais se usa a condição LGBT como forma de diversão ou de xingamento, pregações de ódio de líderes religiosos conservadores em templos religiosos, apresentação de projetos políticos em diversas instâncias do poder legislativo do país, tipificando, reprimindo e criminalizando existências “anormais” em sociedade, inclusive com a conceituação arbitrária do que seria “família”, definição tipo de debate permitido sobre gênero e sexualidade em escolas, violência física contra a população LGBT nas ruas de diversas cidades do Brasil, o que inclui perseguições, surras, torturas e assassinatos, cometidos às centenas sem maior repercussão e sem indignação de todos nós.

André, que tinha toda a vida pela frente, sonhava em ser um professor universitário pleno, o que fatalmente se tornaria, sem sombra de dúvidas. Como já mencionei, ele já pensava muito concretamente no Doutorado, e já havia feito alguns concursos públicos para docente efetivo. Buscava, como todos nós, o seu lugar ao sol, trabalhando pelo futuro que escolhera para si. Estava no caminho de alcançar o que almejava. Não está mais, infelizmente. E não realizará o que pretendia, não será tudo o que poderia ser. Sua vida foi tirada em um ato de violência extrema, bárbaro, com requintes de crueldade que ele não merecia – aliás ninguém merece.



Os mais conservadores podem eventualmente dizer, com crueldade, que se ele estivesse fazendo o que “devia”, que se ele fosse gay, mas “discreto”, que se ele fosse “mais cuidadoso”, por exemplo, ele estaria vivo. Além da crueldade implícita, essas palavras são absurdas para mim porque desumanizam o processo, culpabilizam a vítima e colocam a sociedade como “justiceira”, como “cobradora” legítima de uma postura “correta”, e que, de alguma forma e em algum tempo, os “pecadores” pagarão.

Ninguém está habilitado a definir como o outro deve viver. Normas jurídicas definem o limite de nossas ações quando interferem negativamente na vida dos demais, e só. Uma existência não pode ser prescrita para uma pessoa que vive de uma forma diferente, porque a sociedade pressupõe diferenças para ser efetiva na sua pluralidade. Quem se acha de alguma forma habilitado a prescrever assume uma posição autoritária que quer impor aos demais o seu ponto de vista, o que é inaceitável por definição.

Ninguém tem que ser “discretx”. Ser o que se quiser ser, mas “entre quatro paredes”, legítima a noção de que a “normalidade”, que o que pode ser visto é a heterossexualidade, sendo que deve ser escondido tudo o que dela destoar. Isso é preconceito, não importa sob que argumentação. Se posso ser gay, mas “discretamente”, não posso ser gay. Se posso ser lésbica, desde que seja “feminina”,

não posso ser lésbica. Frases como essas determinam um controle da forma de ser a partir do que seria "aceitável" em sociedade, de forma a não "desrespeitá-la". A população LGBT não quer "aceitação", quer respeito. Respeito para existir da forma que julgar mais adequada, tal como qualquer outra pessoa. Se boa parte da população não se importa em desrespeitar esta população ao transformá-la em objeto de piadas, ao aponta-la na rua, ao ridicularizá-la em redes sociais, por que deve haver preocupação com o que lhe seria ofensivo, se o contrário nunca foi verdadeiro?

Ninguém pode dizer que se a pessoa fosse mais "cuidadosa", estaria viva. É inegavelmente conservadora essa visão, que culpabiliza a vítima ao prescrever como deve ser um comportamento "sem riscos". Não poderia ser mais convencional, nem menos perversa esta observação, pois atribui "tranquilidade" aos que forem conservadores – o que não é verdade em absoluto considerando a quantidade de crimes domésticos de diversas naturezas em arranjos familiares "normais", por exemplo – e justifica o crime ao condenar a vítima pelo seu comportamento. Mais uma vez estamos diante de uma lógica "nós" (os "corretos") versus "eles" (os "desviantes"), que acintosamente ocupa considerável espaço no país, fazendo com que sejam negados direitos à população LGBT sob o argumento de que eles seriam exclusivos de "pessoas de bem".

Em um estado de direito, todos são portadores de direitos. Todos. Que ninguém se engane: a ideia é tratar todos em pé de igualdade a partir de suas diferenças, e não igualar o que não pode ser igualado. As pessoas não são iguais e nem poderiam sê-lo. E, por isso, não devem e nem podem ser assassinadas por serem quem são.

Estou com todos aqueles que lutam por uma causa coletiva, que não se escondem sob o individualismo corrosivo. Lamento profundamente pelas vítimas de uma ordem que nega a diferença e por todas as pessoas assassinadas por serem quem são. Choro por você, André. Vá em paz.

## REFERÊNCIAS

PINA, R. Em 200 dias, 173 pessoas LGBT foram vítimas de crime de ódio no Brasil. Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2016/07/19/em-200-dias-173-pessoas-lgbt-foram-assassinadas-no-brasil/>. Acesso em 06 set. 2016.

SARAIVA, L. A. S. A escuridão da adesão somente a si. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 1-8, abr. 2016.

SEDH. Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Relatório de violência homofóbica no Brasil: ano 2013. Brasília: SEDH, 2016. 78 p.

TONELLI, M. J. F. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. In: JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, L. (Org.). Diálogos em psicologia social. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167.

## Metonímia de um extermínio: a violência contra a população LGBT

### Resumo

Este breve depoimento faz, por meio de uma metonímia, uma discussão em torno do caso do assassinato de André Felipe Vieira Colares, vítima de LGBTfobia em Montes Claros, Brasil, no mês de julho de 2016. São apresentadas a trajetória pessoal, as perspectivas e o desfecho da breve vida de André, bem como problematizados alguns aspectos da LGBTfobia.

### Palavras-chave

Heteronormatividade; LGBTfobia; Extermínio da população LGBT.

# Metonímia of an eradication: the violence against LGBT people

## Abstract

This brief statement does, through a metonymy, a discussion about the murder of André Felipe Vieira Necklaces, LGBTfobia victim in Montes Claros, Brazil, in July 2016. We present his personal trajectory, his prospects and the end of André's short. We also discusse some aspects of LGBTphobia.

## Keywords

Heteronormativity; LGBTphobia; Extermination of the LGBT people.

## Metonimia de un exterminio: la violencia contra la población LGBT

### Resumen

Esta breve declaración, a través de una metonimia, se presenta una discusión sobre el asesinato de André Felipe Vieira Collares, víctima de LGBTfobia en Montes Claros, Brasil, en julio de 2016. Yo presento su trayectoria personal, sus perspectivas y el fin de la corta vida de André, y discuto algunos aspectos de LGBTfobia.

### Palabras-clave

Heteronormatividad; LGBTfobia; Exterminio de la población LGBT.

## Autoria

### Luiz Alex Silva Saraiva

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor-chefe de Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. E-mail: [saraiva@face.ufmg.br](mailto:saraiva@face.ufmg.br).

### Endereço para correspondência

Luiz Alex Silva Saraiva. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas, Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte – MG. CEP: 31275-013. Telefone: (+55 31) 34097235.

### Como citar esta contribuição

SARAIVA, L. A. S. Metonímia de um extermínio: a violência contra a população LGBT. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 7, p. 762-777, ago. 2016.

*Contribuição Submetida em 9 ago. 2016. Aprovada em 10 ago. 2016. Publicada online em 6 set. 2016. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.*

